

CURSO DE ATOS – IBCU – AGO/SET - 2014**AULA 5 – Grande perseguição e dispersão; Felipe em Samaria e em Gaza; Pedro e João em Samaria (At 8.1-40)****5.1 – Grande perseguição e dispersão (At 8.1b-4)**

Nos primeiros versos do cap. 8 Lucas, em poucas palavras, resume a grande guinada sofrida pelo primeiro núcleo cristão – a Igreja de Jerusalém – composta de três fases marcantes:

A grande perseguição. Iniciada no mesmo dia da morte de Estêvão, a perseguição que se seguiu foi de tal intensidade que nem mesmo puderam sepultar a Estêvão. Essa tarefa acabou assumida por homens piedosos, embora não crentes, que se compadeceram da situação e mesmo correndo riscos, sepultaram Estêvão e lamentaram sua morte. Enquanto isso Saulo ‘assolava’ (termo que significava crueldade sádica e violenta) a igreja e sujava, cada vez mais, as suas mãos de sangue dos primeiros cristãos (At 8.1-3).

A grande dispersão. Em consequência disso todos, à exceção dos apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria, em claro início do cumprimento de At 1.8. Aí também vemos o aspecto profético do sermão de Estêvão, pois o Templo e Jerusalém iam ficando definitivamente para trás. A permanência dos apóstolos em Jerusalém é possível, porque a par da coragem por eles demonstrada com essa atitude, contavam com a simpatia e respeito do povo em geral, e também por não serem helenistas, contra quem a perseguição se concentrou. Tornaram-se, além disso, nesse primeiro momento de expansão da igreja, o ponto de referência como ‘quartel general’ na retaguarda do avanço missionário (At 8.1b, 14).

A grande evangelização. Teve início assim a grande evangelização (o início mesmo da missão mundial da igreja), não mais conduzida pelos apóstolos, mas por todos os que haviam sido dispersos. Não ficaram em prudente silêncio, nem se esconderam, mas iam por toda a parte e pregavam a palavra. Na realidade ‘compartilhavam as boas novas’, não como pregadores formais, mas como ‘missionários amadores anônimos’ (At 8.4). ‘Com toda a intrepidez e sem impedimento algum’ (At 28.31), testemunhavam de Jesus! A atuação de Felipe se destaca nesse contexto.

5.2 – Felipe em Samaria (At 8.5-13)

Antes de tudo, precisamos compreender bem o contexto em relação ao qual, com extrema audácia, Felipe se dirige para pregar o evangelho. Havia uma hostilidade de mil anos entre os judeus e os samaritanos. Tudo teve início com o fim do reinado de Salomão, quando dez tribos

desertaram e fizeram de Samaria sua capital, permanecendo apenas duas leais a Jerusalém, sendo a principal delas, Judá. Tudo piorou ainda mais com a captura de Samaria e do assim chamado Reino do Norte, pela Assíria em 722 a.C.. Era prática colonialista daquela época transferir os habitantes da terra conquistada para outras regiões e levar para o lugar conquistado povos de outros lugares. Assim era quebrado qualquer tipo de resistência dos conquistados aos conquistadores, que acabavam conseguindo que os povos conquistados perdessem suas identidades nacionais. O remanescente que ficou na palestina (em sua maioria idosos, órfãos e doentes), se misturaram com os povos para lá levados pelos assírios e assim perderam sua pureza étnica, tão importante e preservada pelos hebreus. Tempos depois, em 586 a.C., foi a vez do Reino do Sul ser levado cativo para a Babilônia, que havia suplantado a Assíria. No entanto, não era mais a mesma política expansionista, sendo até incentivada a manutenção das lideranças dos povos conquistados, mas sob a total submissão ao império babilônio. Com a ascensão do império medo-persa, que por sua vez havia suplantado os babilônios, os judeus, por não terem perdido sua identidade no exílio, sob a liderança de Esdras e Neemias, foram autorizados a voltar para sua terra e reconstruir os muros e o templo de Jerusalém. Nesse tempo os samaritanos, residentes na Palestina, se ofereceram para ajudar, mas foram rechaçados pelos judeus por serem híbridos, hereges e cismáticos. A relação que já era ruim ficou ainda pior e foi resumida no evangelho de João pela simples afirmação: ‘os judeus não se dão com os samaritanos’ (Jo 4.9). Depois disso, ainda construíram um templo no monte Gerizim e rejeitavam as escrituras do VT, aceitando apenas o Pentateuco. No entanto Jesus demonstrava por eles grande simpatia (Lc 9.52-56; 10.30-37; 17.11-19; Jo 4.1-42), apesar da orientação de que, em seu ministério terreno, tanto gentios como samaritanos não deveriam ter preferência no anúncio do Reino em relação ‘as ovelhas perdidas da casa de Israel’ (Mt 10.5,6). Mas agora era chegada a hora da evangelização deles e de sua incorporação à comunidade messiânica.

Assim Felipe se dirige a Samaria e ‘anunciava-lhes a Cristo’ (At 8.5). Interessante notar que os samaritanos tinham a esperança messiânica, conforme fica claro na conversa de Jesus com a mulher samaritana (Jo 4.25). Como resultado da pregação de Felipe em Samaria o texto registra que houve atendimento à mensagem, curas, sinais e expulsão de demônios, além de grande alegria. Multidões atendiam ao que Felipe falava, inclusive um certo Simão, que angariou muitos seguidores em

função das mágicas e manifestações de poder que realizava. Os que antes o seguiam, juntamente com Simão, aderiram a Felipe e iam sendo por ele batizados. Simão, além de ter ‘abraçado a fé’ e ter sido batizado, acompanhava com vívido interesse os sinais e milagres que Felipe fazia.

5.3 – Pedro e João em Samaria (At 8.14-25)

Todo esse movimento causado pela atuação de Felipe em Samaria chegou logo ao conhecimento dos apóstolos em Jerusalém. Foram enviados então Pedro e João para verem o que estava acontecendo. Interessante que um deles tenha sido João, o mesmo que, juntamente com seu irmão Tiago, havia proposto a Jesus que mandassem descer fogo do céu para consumir os samaritanos que não quiseram recebê-los por serem judeus (Lc 9.52-54). Era também um bom teste para ele, como posteriormente foi para Pedro, em seu envio a Cesaréia na casa do centurião Cornélio (At 10.1-48 a 11.18). Quando Pedro e João chegam a Samaria verificaram (não sabemos como) que, embora tenham recebido o evangelho pregado por Felipe e sido batizados em nome do Senhor Jesus, o Espírito Santo ainda não havia descido sobre nenhum deles (At 8.15-17). Fato semelhante ainda ocorreria em Cesaréia na casa de Cornélio e depois também em Éfeso, quando Paulo, encontrando doze discípulos tardios de João Batista, anunciou-lhes a Jesus, em nome de quem foram batizados e impondo-lhes as mãos desceu sobre eles o Espírito Santo, havendo profecia e manifestação de línguas (At 19.1-7). Um elo único de excepcionalidade entrelaça os quatro eventos: Pentecostes (At 2), Samaria (At 8), Cesaréia (At 10) e Éfeso (At 19). Todos identificam momentos que marcaram o rompimento de barreiras religiosas e étnicas e estabeleceram o início, ‘sem impedimento algum’, da expansão da igreja em todo e qualquer contexto e se caracterizaram pela sua excepcionalidade. Sem entrar em outras considerações, que poderão ter lugar em uma classe de doutrina do Espírito Santo, podemos afirmar que o padrão bíblico encontrado em todo o restante contexto do NT, nos leva a crer que a iniciação cristã é uma experiência única, na qual nos arrependemos, cremos, recebemos o perdão dos pecados, e o dom do Espírito Santo que, agora habitando em nós, nos dá crescimento rumo à maturidade cristã, sendo o batismo a evidência externa dessa experiência. (Rm 10.9-15; Ef 1.13,14; Gl 3.2 e 14).

A atuação de Pedro e João em Samaria trás ao centro dos acontecimentos a figura de Simão, o mágico. Era alguém acostumado a pontificar e a receber a homenagem e as vantagens de sua atuação como ilusionista de grande vulto, inclusive com fama fora de Samaria. Quando a sua clientela foi alcançada pela pregação de Felipe e creu na mensagem, recebendo o

batismo, o próprio Simão se juntou a ela. O que mais interessou a Simão foram as manifestações milagrosas operadas por Felipe. Quando Pedro e João chegaram a Samaria e, ao imporem as mãos sobre os que tinham sido batizados o Espírito Santo descia sobre eles (alguma manifestação visível deveria ocorrer), Simão descobriu aí um novo filão para a continuidade de sua atividade anterior, agora sob a égide da nova fé. Era uma boa maneira, a seu ver, de juntar religião e comércio! Uma prática que continua até hoje de variadas formas. Surge desse episódio a expressão 'simonia', que tem exatamente o significado de fazer comércio ou ganhar dinheiro com coisas e postos religiosos. Dito assim parece muito fácil de ser evitado, mas a realidade é muito mais sutil e perversa e permeia, cada vez mais, o ambiente religioso. Simão não tinha interesse em beneficiar as pessoas com a dádiva do Espírito Santo. Ele tinha maior interesse em receber o reconhecimento (aplausos e vantagens) pela nova atividade espetacular. Um grande perigo que ronda o contexto da liderança eclesiástica hoje, é o risco de associar ao exercício do ministério de edificação da igreja, apresentando a maravilhosa graça salvadora de Jesus, a busca do reconhecimento pela inteligência, sabedoria e perspicácia desempenhados paralelamente ao ministério. Embora devamos manifestar sempre o brilho de sermos servos diligentes e excelentes, não podemos demonstrar simultaneamente que somos ótimos e que Cristo é maravilhoso. Ao propor o negócio aos apóstolos, ele foi de tal forma confrontado e repreendido que, assustado, pediu para que eles rogassem a Deus no sentido de que nada de mal lhe sobreviesse. Não houve arrependimento, como também não parece ter havido conversão antes.

5.4 – Felipe e o eunuco (At 8.26-40)

Na hora de serem colhidos os frutos e louros de uma bem sucedida campanha evangelística, tanto os apóstolos voltam para Jerusalém (mas agora já evangelizando samaritanos nas suas aldeias pelo caminho), como Felipe é conduzido do meio dos acontecimentos, para um caminho deserto. A Lógica do Espírito não tem nada a ver com as estratégias mercadológicas muitas vezes por nós aplicadas à expansão do reino de Deus.

Surge então no relato de Lucas a figura marcante do eunuco. A Etiópia era a região hoje abrangida pelo Nilo Superior. A pessoa a quem Felipe é enviado, não era apenas um eunuco (como a maioria dos que trabalhavam em cortes naquela época), mas um 'alto oficial de Candace, rainha dos etíopes', e era o seu 'ministro da fazenda'. Candace, mais do que um

nome próprio, era um título imperial. O eunuco etíope era, provavelmente, um negro africano que bem poderia ter sido de fato judeu, por nascimento ou conversão (prosélito ou temente a Deus), pois a dispersão judaica havia alcançado não só o Egito mas regiões além. O fato de estar voltando de uma peregrinação a Jerusalém, provavelmente em época de uma das festas anuais, e lendo o rolo do profeta Isaías, pode bem confirmar essa hipótese. A pouca probabilidade de ser ele um gentio, também se baseia no fato de não ter sido o primeiro convertido entre eles. Essa distinção é reservada a Cornélio que se converte mais adiante através do ministério de Pedro. O encontro de Felipe com o eunuco tem características interessantes. Felipe, na estrada que descia de Jerusalém para Gaza e fazia a conexão com o norte da África, é orientado pelo Espírito Santo a se aproximar da carruagem que conduzia o eunuco de volta a seu país. Correndo então ao lado do veículo pôde ouvir a leitura em voz alta que fazia do capítulo 53 do profeta Isaías. Perguntou-lhe então: 'Compreendes o que vens lendo?' (At 8.30). A resposta do eunuco mostra a sua humildade em aceitar ajuda e o interesse em entender o que estava lendo. A associação da leitura das escrituras com o ministério dos mestres na igreja revela as bênçãos da disponibilidade da palavra escrita e dos dons de ensino outorgados pelo E.S. para entendimento e frutificação da mensagem da salvação. Ambos tem sido negligenciados em favor de manifestações mais espetaculares. Felipe aceitou o convite do eunuco e, começando pelo texto que ele lia (Is 53.7,8), anunciou-lhe Jesus. Não havia ninguém no judaísmo do primeiro século que estivesse aguardando um Messias sofredor. A expectativa, quando ainda havia, era da vinda de um Messias triunfante. Jesus foi quem aplicou a ele mesmo o texto em questão (Lc 22.37). Assim, o impacto do entendimento do texto lido pelo eunuco e explicado por Felipe, culminou na aceitação e recebimento do Espírito Santo. A pergunta do eunuco no verso 36 revela seu pleno entendimento e aceitação do evangelho, mas inclui também uma dúvida remanescente acerca da possibilidade de ser aceito, através do batismo, na nova comunidade. Apesar de provavelmente conhecer o texto de Isaías 56.3-8, em que os estrangeiros e principalmente os eunucos são libertos das restrições de Dt 23.1, ele queria ouvir de Felipe o que ele provavelmente já sabia. A resposta de Felipe, a rigor, foi mandando parar o carro e batizar o eunuco. A resposta contida no verso 37, parece ter ser uma interpolação ao texto feita posteriormente por algum escriba e que expressa uma liturgia primitiva do batismo. A partir desse momento o eunuco segue exultante de alegria de volta a sua terra onde,

provavelmente, passou a pregar com coragem e poder aquilo em que ele mesmo crera.

Antes das considerações finais a este capítulo de Atos, seria interessante conhecer a história de outro judeu, russo, filho de um rabino, que nasceu no século XIX e viveu até o século XX, cujo processo de conversão ao cristianismo se iniciou na sua adolescência, quando teve a coragem de perguntar ao seu pai, semelhantemente ao que fez o eunuco a Felipe, 'a quem o profeta se referia' em Isaías 53. (contar parte da trajetória de Salomão Luiz Guinsburg-Um judeu errante no Brasil).

5.5 – Versatilidade missiológica de Felipe

Semelhanças das experiências em Samaria e em Gaza: 1- O mesmo espírito pioneiro de Felipe ajudou-o a ganhar os primeiros samaritanos e o primeiro africano para Cristo; 1- Aos samaritanos e ao eunuco foi apresentada a mesma mensagem, ou seja, as boas novas de Jesus Cristo (At 8.12 e 35), pois só existe um evangelho; 3- Em ambas as situações houve a mesma resposta, pois os ouvintes creram e foram batizados (At 8.12 e 36-38); 4- O resultado em ambos os casos é o mesmo – alegria (At 8.8,39). Diferenças entre as duas experiências no que diz respeito as pessoas evangelizadas: 1- Origem racial; 2- Classe social; 3- Condição religiosa. Também no método utilizado vemos versatilidade: com os samaritanos temos um exemplo precoce de 'evangelização de massa'; enquanto que com o eunuco um exemplo de 'evangelização pessoal'. Mas o interessante notar é que, mesmo com alteração de métodos a mensagem bíblica não foi alterada. Isso nos ensina acerca de um dos mais valiosos legados de Felipe neste texto: Uma combinação de mudança e imutabilidade. Mudança de métodos em função dos contextos e imutabilidade do conteúdo, a mensagem do evangelho e a capacidade de discernir esses dois elementos.